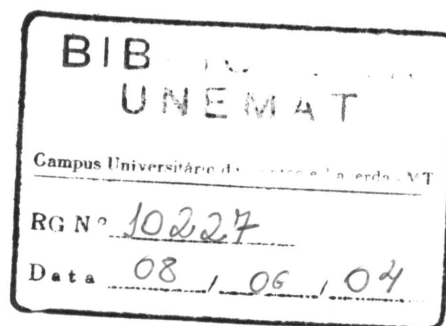


ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIAS TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO SUPERIOR DO ESTADO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A MALANDRAGEM EM "MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO", DE JOÃO
ANTÔNIO

OSLEIDE MARQUES POQUIVIQUI



Pontes e Lacerda, junho de 2003.

A MALANDRAGEM EM “MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO”, DE JOÃO
ANTÔNIO

Ensaio monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus Universitário de Pontes e
Lacerda, como requisito final para obtenção
do grau de licenciatura plena em Letras.

Orientador: Prof. Ms. José Pereira da Silva Neto

Pontes e Lacerda, junho de 2003.

Meus sinceros agradecimentos a todos as
pessoas que direta ou indiretamente
contribuíram na elaboração deste trabalho,
bem como para a minha formação acadêmica.

As professoras Cleunice e Mércia pelo apoio e
amizade.

A professora Ediliane pela dedicação e apoio.

E ao pequeno José Antônio pelo carinho.

Dedico

Aos meus pais, Anésio e Maria Júlia. Ao meu
esposo Antônio e as minhas filhas Gisele e
Geisiane.

E a todos que me acompanharam e apoiaram
neste período.

Não há homem justo sobre a terra que faça o
bem sem jamais pecar.

(ECLESIASTES 7,20.)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	7
O PERSONAGEM.....	8
MALANDRAGEM.....	13
O PERSONAGEM MALANDRO EM JOÃO ANTÔNIO.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
BIBLIOGRAFIA.....	25

INTRODUÇÃO

Nossa atenção neste ensaio monográfico recairá sobre o tipo de comportamento malandro dos personagens do conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” de João Antônio, publicação de 1998, no livro de Contos, de mesmo título. Esta publicação da Ática não é reedição da edição Record de 1963.

Para fazermos este trabalho de análise buscamos em Beth Brait, Antonio Candido, Roberto Schwarz e basicamente outros apoios teóricos.

A nossa proposta é dividir este ensaio monográfico em duas partes. Na primeira parte trataremos do personagem em geral e em seguida o personagem especificamente. Apresentaremos sua classificação, as funções e as categorias que desempenham dentro do conto “Malagueta, Perus e Bacanaço”.

Na segunda parte falaremos da malandragem, do personagem malandro e da análise do personagem malandro no conto de João Antônio.

O PERSONAGEM

Na ficção, o personagem é construído através de recursos de linguagem e manifesta no ser humano a sensação de realizar os sonhos impossíveis.

Para Antonio Candido (1995, p. 53), personagem e enredo são ligados por elos que os unem, um faz parte e completa o outro. Formando assim uma rede de acontecimentos, fatos e tramas, configurando-se através do imaginário. A sensação que nos dá é de sermos transportados para um mundo irreal, onde a emoção significa. Esse sentimento pode levar o leitor a identificar-se em cada ato dos personagens e até em seus gestos, que traduzem com nitidez o confronto da verdade por meio da verossimilhança, ou seja, esse sentido construído na leitura pode coincidir com a vivência do ser e transportá-lo para outra dimensão. Isso depende do espaço que o personagem ocupa no enredo e no contexto social da época em que se deu o fato que ele representa.

Nossa leitura e a capacidade de viajar no emaranhado conjunto de todas as coisas existentes no ficcional, poderá ampliar o poder de ação e a veracidade que o personagem nos passa. Sobre isso concordamos com Candido, (1995, p.54), quando diz “que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor”.

A construção de um personagem pode ser comparada a uma magia que vai se delineando na formação de cada ser fictício, dando as características que no decorrer do enredo nos prende, nos transporta para outro mundo, o mundo da imaginação, onde podemos visualizar o real e nos identificar com as ações que o

personagem representa, pois “Nesse mundo de palavras, nessa combinatória de signos, o leitor vai se alfabetizar, vai ler o mundo e decifrar a sua existência.”

Brait, (1998: p. 66)

É nesse mundo que ficção e o imaginário muitas vezes nos confundem pela forma como apresenta o ser fictício. Em alguns momentos temos a sensação de não reconhecer certas atitudes que não condizem com o que imaginamos que deveria ser, pelo conhecimento de mundo que temos. Por isso devemos lembrar que o ser humano oculta às vezes, de si próprio sentimentos e reações que o transformam em outra pessoa. Mostra em situações diversas, outra face, a qual, para quem presencia causa estranheza.

Observamos sobre esse comportamento, em Candido, (1995: p. 55), quando é discutida a “descontinuidade da percepção espiritual”, esta se refere ao nosso conhecimento sobre o ser. Não podemos afirmar que o conhecimento que temos do semelhante seja linear ou profundo, diante das inconstâncias que ele apresenta. Nem mesmo uma pessoa conhece a si própria, porque muitas vezes age inesperadamente em situações inusitadas, toma decisões que em outras circunstâncias jamais faria. Daí concluímos que o personagem é construído de forma que pareça completo, como se fosse um desenho que ao final da obra podemos dizer que o conhecemos tal e qual ele é.

No momento em que absorvemos as características apresentadas pelo personagem, é criado em nosso imaginário um ser suscetível a transformações através dos mistérios e artifícios de linguagem usados pelo escritor. Porque este, ao construir um personagem junta todos os dados que entende como necessário, e podemos dizer que filtra essas informações e só então, dá forma ao personagem.

Tudo acontece por meio de um processo que acaba se tornando complexo, e o mesmo passa a imagem de um ser verídico.

Esta impressão se acentua quando investigamos os, por assim dizer, fragmentos do ser, que nos são dados por uma conversa, um ato, uma sequência de atos, uma afirmação ou informação. Cada um desses fragmentos, mesmo considerando um todo, uma unidade total, não é uno, nem contínuo. Ele permite um conhecimento mais ou menos adequado ao estabelecimento da nossa conduta...
(CANDIDO, 1995: p.56.)

Isso posto podemos ver que o conhecimento que temos do ser não perpassa a constituição da natureza das coisas, do que existe no interior de cada ente. É através do estudo do comportamento humano, realizado nos últimos tempos que vem a contribuição para enriquecer a literatura de ficção. Esse estudo possibilita menor complexidade na caracterização do personagem, pois é através da psicologia que podemos conhecer e entender melhor os elementos que individualizam algo ou alguém. Para dessa forma, trabalharmos com maior profundidade o conjunto de caracteres especiais, ou seja, a natureza humana, sua potência intelectual e sua imaginação.

Assim damos maior versatilidade na formação do personagem. Selecionando, então, o conjunto de elementos que compõem os caracteres, conferindo ao personagem uma expansão dentro de uma organização lógica, sem limites para o leitor.

Esta constatação, mesmo feita de maneira não-sistemática, é fundamental em toda a literatura moderna onde se desenvolveu antes das investigações técnicas dos psicólogos e depois se beneficiou dos resultados destas. (CANDIDO, 1995: p.57.)

Observando esses fatos, percebemos recursos que facilitam ainda mais a formação do personagem. E aos olhos do leitor, na condição da existência de um sistema construído na ilusão, num sentido desprovido de consistência, totalmente abstrato, antes que o enredo desnude por completo o personagem, o leitor já captou suas características pelas informações significativas da linguagem que o texto proporciona.

Esses recursos especificam o personagem, que pode ser plano ou redondo para Brait, (1998: p. 40). Dependendo de sua atuação e participação no espaço que ocupa dentro da obra. São classificados como redondos aqueles personagens definidos por sua complexidade, estão sempre surpreendendo, cheios de energia e em constantes transformações, construindo cenas completas com destaque individualizado do ser humano. São capazes de provocar a admiração do leitor com suas ações, inserindo um sentido profundo do real nas situações vividas ao longo do enredo. Se forem planas não surpreendem.

Ainda na visão de BRAIT, (1998: p. 48), o personagem desempenha algumas funções, as quais vamos citar apenas as que usaremos em nosso estudo analítico do conto “Malagueta, Perus e Bacanaço”. Neste conto vemos personagens que exercem papel de fundamental importância no enredo como veremos a seguir.

Temos então a função “decorativa” - pode ser algo pequeno que dá importância ao todo, ou seja, um complemento que faz parte de um conjunto.

O “porta-voz do autor” – como o próprio nome diz, está voltado para o autor, pois representa suas observações e suas virtualidades.

“Agente de ação” – apresenta maior importância porque é através dele que tudo acontece, ele é o eixo representativo dos conflitos existentes que envolvem

outros personagens na trama, aproximando-os em alguns momentos ou delimitando espaços onde se tornam adversários e também determina sua ação em conjunto, construindo assim momentos de êxtase, os quais valorizam a obra. Conduz a ação em torno de um modelo que podemos comparar com o real dominante que serve de norteador, unindo a outros secundários, construídos no imaginário em cada momento da ação. Representam uma articulação em que os personagens se envolvem mostrando mil facetas, dando força à narrativa e verossimilhança à retratação do real.

Estabelecida a função do personagem como agente de ação, podemos observar, ainda segundo Brait, (1998: p.50), algumas categorias desenvolvidas por ele.

Temos o “condutor da ação” - este é o que dá o primeiro passo representando a causa capaz de impulsionar os acontecimentos.

O “destinatário” - é um personagem que tira proveito do acontecimento. Não é o condutor, mas age junto, usufruindo do resultado desta;

“Árbitro, juiz” – pode agir interpondo-se em situações de perigo, a qual necessita de alguém que saiba resolver a questão;

“Oponente” – representa o tumulto no ambiente em que está presente. Trabalha como opositor da força temática, no enredo, ou seja, é através dele que os acontecimentos dão uma enroscada, trazendo um pouco de suspense no enredo.

Antes de escrever uma narrativa, o autor coleta dados e vai tecendo o texto dando-lhe forma e cores que combinem e tenham harmonia. Por isso após discorrermos sobre a função e a categoria do personagem, trataremos do tipo de comportamento que ele desempenha no conto em análise, a malandragem.

MALANDRAGEM

Malandragem, é um tipo de comportamento que caracteriza o ser, simbolizando uma imagem avessa aos bons costumes cultivados pela sociedade, isto é, pessoas que têm família, trabalho, participam da comunidade como igreja, escola e outros seguimentos sociais. Por isso acredita-se que diferem de indivíduos que não trabalham nem mandam. Sobrevivem de truques e traquejos que burlam as regras de honestidade conhecidas e consideradas socialmente corretas.

Esses indivíduos formam grupos paralelos aos da sociedade vigente e ganham a força de um movimento de transformação social e buscam um meio adequado às suas condições de expansão. Encontram em nosso país o espaço propício a sua prosperação, porque não há aqui rigidez nas leis religiosas e civis (CECILIA, apud Candido 1978: p. 340), por isso essa liberdade de comportamento.

Esses grupos não encontram barreiras ou punições para impedir esse procedimento livre. Cada um age conforme lhe aprouver, é uma mistura de classes que tem grande vontade de ditar suas próprias regras, ultrapassando qualquer limite. Virando as costas ao juízo e à existência da moral e do comportamento correto. Como vemos: “As formas espontâneas de sociedade atuaram com maior desafogo e por isso abrandaram os choques entre a norma e a conduta, tornando menos dramáticos os conflitos de consciência” (Candido apud LARA, 1978: p. 340).

Essas formas de ação espontâneas, sem temor pela repressão isolam do seu cotidiano qualquer reprovação que acontece por meio de um mecanismo comum de sobrevivência, que não os tornam inferiores, onde também não reconhecem certezas nem sentimentos de angústia ou tristeza por culpa ou crime que se cometem. Pois vemos em Schwarz, (1987: p. 133), que “a suspensão de conflitos históricos precisos através de uma sabedoria genérica da sobrevivência, que não os interioriza e não conhece convicções nem remorsos”.

Podemos observar então que essa malandragem se torna parte do ser, pois é algo inato, como seu destino, sua “sina”. Não há como se desvencilhar, porque a vida livre que tem é tudo o que mais preza e lhe dá prazer. E mesmo a sociedade aceita esse tipo de comportamento com naturalidade. Vemos sustentação para esta colocação em Candido, quando diz que “trata-se de uma libertação que funciona como se a neutralidade moral correspondesse a uma neutralidade social, misturando as pretensões das ideologias no balaio da irreverência popularesca”. (apud LARA, 1978: p.341)

Uma relação dessa natureza contribui para o conhecimento dos dados reais e ficcionais, os quais, têm formações independentes. Sendo que essa dicotomia é obscura, ou seja, não está explícita no enredo. O leitor não a percebe, mesmo ela sendo o pilar em que a obra está sustentada.

Essa construção forma uma rede equilibrada que apresenta semelhança da verdade, através da ação natural dos personagens. É com a convivência da sociedade que muitas vezes adere a esse modo de ser espontâneo, que forma um trajeto pelo caminho da “ordem e da desordem”. E como o nome indica representa o certo e o errado que acabam se envolvendo. Nessa expressão vemos as relações humanas no projeto literário, onde é construída a estrutura, que se

torna objeto de sustentação para formular as causas de cunho social de grande importância. São formas existenciais que “compõe uma atualidade histórica heterogêneas, tais como um modo de produção, relações de classe, ideologias...” (Schwarz, 1987: p. 148).

Diante dessas colocações e também do conto em análise, podemos observar que na denominação malandragem encontramos mais de uma forma, mesmo supondo que esta constitui uma sociedade paralela. E nessa sociedade podem existir algumas maneiras de ser na malandragem.

Podemos citar duas formas: uma é a que leva o indivíduo a buscar o enriquecimento ilícito, acumulando bens.

A outra, o objetivo é se dar bem, independente de sua situação financeira. Ele só quer usufruir das oportunidades que a vida lhe proporciona, viver intensamente sem a preocupação de ter que olhar para o lado e perceber que prejudicou alguém. Isso para ele inexistente. Neste setor social (paralelo) esse comportamento é natural e apresenta a sua dialética.

É através do estudo literário de Antônio Candido, “Dialética da malandragem”, que buscamos uma caracterização para o personagem malandro, o qual, o crítico compara com outro modelo de personagem: o pícaro.

Algumas semelhanças são estabelecidas entre esses personagens, porém, não são muitas. Para Candido, “o malandro, como o pícaro é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores”. (Apud LARA, 1978: p.322) Esses personagens podem ser humildes, de classe baixa suburbana, desconsiderada pela elite. Sua maneira de ser é descontraída, deixa a vida correr sem maiores preocupações, é alegre, se relaciona bem com outras pessoas. Para ser feliz ele depende da liberdade de fazer o que lhe agrada, no caso

do tipo malandro, ele carrega essa característica em seu ser, segundo Candido, (LARA, 1978: p.319), o pícaro se torna esperto pelos solavancos da vida.

Suas origens podem diferir em muito para Antônio Candido (LARA, 1978: p. 320), enquanto o pícaro é de origem espanhola, trabalha como criado, é inferior, ajudante de cozinha, acredita-se que a origem do malandro seja tipicamente brasileira.

E enfim, a conjunção de análise formal e localização sociológica enquanto complementares abria uma perspectiva que permitia identificar, denominar e colocar em análise uma linha de força inédita até então para a teoria, a linha da malandragem. (SCWARZ, 1987, p. 130)

Esses personagens de comportamento malandro são de ambientes onde gera a malícia, a astúcia, a droga e a prostituição, a maioria do submundo, todos se identificam com o meio em que vivem. O mesmo meio que os modula é também modulado por eles, ou seja, são produtos do meio e conseqüentemente sua forma de vida favorece a proliferação de tal ambiência, propícia à malandragem.

Há no conto, fatores que indicam locais propícios à formação de arquétipos, totalmente identificados com o espaço em que atuam. Podemos dizer que é adequado à criação de seguidores de tais tipos.

É neste meio, mais precisamente no bairro da Lapa e seus arredores, em São Paulo que se passa a história do conto "Malagueta, Perus e Bacanaço", o qual nos apresenta personagens amantes do jogo e da vida "livre" que formam os ingredientes que os classificam, também, como pessoas vadias, desocupadas, ou seja, malandros; apesar que essa idéia tem algumas divergências em relação àquela apresentada no início deste texto.

Podemos observar através do comportamento desses personagens que suas ações no cotidiano os levam a cometer atitudes, nas quais, buscam apenas o

benefício próprio, sem levar em conta a forma usada para conseguir seu objetivo. Não importam se estão lesando outras pessoas e nem nas conseqüências que podem ter, tanto para eles quanto para as pessoas prejudicadas por causa de seus atos.

Da mesma forma que agem inescrupulosamente para se darem bem, não pensam duas vezes quando vêem alguém precisando de ajuda. Agem com astúcia e generosidade para socorrer um companheiro ou qualquer outra pessoa que esteja precisando de apoio.

Não sentem remorsos pela maneira de ser, com riscos ou sem riscos fazem o que tem que fazer sem arrependimentos.

Também quando tiram proveito de uma situação assim, não se reprovam, exploram a pessoa que socorreram por tempo indeterminado e ainda acham que estão prestando favores. Não fazem exame de consciência, nem procuram se corrigir ou se repreender por algum ato falho, que possam ter causado mal a alguém, por isso nunca se sentem culpados em relação a seu comportamento. Para eles “o remorso não existe, pois a avaliação das ações é feita segundo a sua eficácia” Candido, (LARA, 1987: p. 339). Há uma mistura das ações boas e más, que dão um equilíbrio, equiparando, restabelecendo a posição normal ou até mesmo de generosidade.

O PERSONAGEM MALANDRO EM JOÃO ANTÔNIO

O conto “Malagueta, Perus e Bacanaço”, apresenta personagens de comportamento malandro, estruturados na memória do narrador que sabe tudo deles. Mostram dinamismo e multiplicidade de facetas as quais podemos ver neste trecho da obra:

Malagueta olhava Bacanaço boquejando largando basófras. Perus no acompanhamento feito um dois-de-paus. É pensou quando vocês iam no moinho buscar fubá, eu, cá no meu quieto, já estava de volta com o bagulho empacotado. (ANTÔNIO, 1998: p. 22.)

A ação dos personagens presente no conto, simboliza a criação poética do escritor com o sentido de desnudar a hipocrisia nos setores sociais e marcam a existência daqueles que têm que sobreviver da esperteza, construindo seu próprio espaço pois observamos:

Malagueta, Perus e Bacanaço ali desencontrados. O movimento e o rumor os machucava, os tocava dali. Não pertenciam àquela gente banhada e distraída, ali se embaralhavam. Eram três vagabundos, viradores, sem eira, nem beira. (ANTÔNIO, 1998: p. 37.)

A situação de estranheza vivida pelos personagens confere uma separação existente na sociedade onde o espaço do ser fictício é estabelecido também pelo seu comportamento, pois suas condições os transformam numa população marginalizada que vê como forma de sobrevivência a vida boêmia e noturna, onde buscam uma maneira de se sobressaírem do cotidiano e da mesmice que esta situação lhes proporciona.

Os personagens formam um trio totalmente dispar em alguns aspectos, Malagueta é o mais velho, anda sujo e rasgado, aparenta sempre estar com fome “capiongo e meio nu, como sempre bêbado, Malagueta apareceu”. Antônio, (1998: p. 21).

Quem o visse jamais suspeitaria de sua astúcia e esperteza no jogo fazendo parceria com Perus.

Perus é o mais jovem, o apelido vem do bairro Perus onde vive com uma tia. Muito astucioso, fugitivo da polícia, esta sempre perambulando pelas ruas:

Uma semana, muitas vezes, na Lapa. Nas bocas do inferno se defende, se arranja pelas ruas, trabalha nas conduções cheias, surrupia carteiras. Deixa-se ficar e fica uma semana. A mesma camisa, o mesmo sono, a fome de dias. A fome raiada. (ANTÔNIO, 1998: p. 22).

Juntos com Bacanaço completam o trio de malandros, como vemos:

Bacanaço era taco melhor (...) moreno, vistoso, mandão, malandro de mulheres (...) vida arrumada. De mais a mais Bacanaço tinha negócio com os mascates. (...) era um considerado dos homens do mercado (...) Andar com Bacanaço, segui-lo, ouvi-lo, servi-lo, fazer parceria era bom negócio. (ANTÔNIO, 1998: p. 17).

Também nessa sociedade paralela formada nos cenários de periferia, ou nos muquinfos, há a submissão. Situações que são controladas por aqueles que detém o poder, o domínio.

Nesse grupo, Bacanaço é quem agencia os companheiros, a última palavra é sempre a dele. Malagueta e Perus, obedecem sem questionar, pois dependem de alguém que os direcione. São exímios jogadores, mas não possuem a audácia e a malícia de Bacanaço.

A força da ação no enredo gira em torno do personagem Bacanaço, como, agente de ação, ele movimenta tudo à sua volta. Sendo o malandro mais esperto subordina os dois, Malagueta e Perus, lhe são submissos, como podemos ver.

Bacanaço cutucou o menino Perus, passou-lhe duas notas de cinquenta sorrateiro, falou baixo, nos dentes.

— Vai lá e desempenha, meu.

— Enviou, fez um pouco de tempo, bafejou nas unhas, esfregou-as no paletó. Mandou Malagueta:

— Vai lá e faz marmelada.

— Estava armado o conluio, funcionando a trapaça.

(ANTÔNIO, 1998: p. 27).

Nesse mundo hierarquizado vemos o domínio do mais forte que pressiona o mais fraco, formando então uma rede de conveniências que da forma a trama e sustenta uma suposição que “sugere a presença viva de uma sociedade que nos parece bastante coerente e existente” (Candido, apud LARA, 1978: p. 325)

Nesta sociedade, que é criado pelos personagens malandros, surge um pequeno mundo onde eles fazem suas regras e leis. É neste mundo que se entendem com olhares e gestos. Como que para sua própria defesa e sobrevivência. Neste espaço em que são vigiados e estão sempre observando tudo ao seu redor. São vítimas de uma ordem que tentam aparentar, por meio de falsos valores, os quais, nem mesmo os próprios defensores conseguem manter.

É também na figura do personagem Silveirinha, (policial) que dificilmente se mantém em seu posto que é a prática desta ordem e por isso, é também através dele que manifesta o referido jogo dialético da ordem e da desordem.

Quando encontra Malagueta, Perus e Bacanaço em um muquinfo se aproveita da situação de Perus. Seu comportamento de policial passa a ser de igual para igual com os malandros:

Abraçou o menino e era uma tentativa aberta de surrupiar-lhe a carteira como fazem os batedores e o geral dos lanceiros. O tira, mais alto e mais forte e os ombros de Perus se encolhiam, o menino suava no blusão de couro, se defendia arqueando-se com dificuldade. (ANTÔNIO, 1998: p. 50).

E assim Silverinha se revela por meio de seu comportamento. É somente por uma vez que este personagem aparece no enredo, mas, marca presença

constante pela pressão que exerce. Só o fato de mencionar sobre a polícia, é suficiente para causar o medo e a fuga dos três companheiros. É a repressão externa que os amedronta porque esta é algo que está fora de seu domínio.

Silverinha se aproveita do seu poder para explorar a situação de Perus. Bacanaço, que não consegue, ficar inerte socorre o amigo.

É nesse universo, onde tudo acontece de forma avessa que nos é mostrado o companheirismo entre os comparsas. Quando são amigos, é para valer. A amizade representa ser de grande valor para eles. Também podemos ver a maneira como se comportam perante situações em que surgem um acontecimento embaraçoso, no qual Perus percebe que serão enganados por um jogador mais esperto que eles, e não podem abrir a boca por que malandro não entrega malandro.

A ética faz parte do jogo e nesse jogo o perdedor é quem entrega o companheiro malandro, pois não aceitam desrespeito de comparsas.

Então Perus não teve como sair dessa situação, mesmo conhecendo o adversário e sabendo que iriam perder tudo, nada pode fazer. Nem a si próprio poderia livrar, porque malandro não abandona os companheiros, quem faz isso é covarde e isso ele não era, portanto, teria que ir até o fim.

Um pequeno descuido e já estão em situações complicadas, pois vivem em constante pressão.

Bacanaço sobrevive de uma situação assim. Sustentado por uma mulher que lhe mantém financeiramente e para isso ele a obriga a se prostituir:

Era um protetor. Sacou-a da cadeia várias vezes (...). Obteve-lhe um quarto de bordel, entendeu-se com os policiais (...). Gastara muito dinheiro com aquela Marli (...). Uma trouxe que mal o merecia, malandro maduro e fino. (ANTÔNIO, 1998: p. 62).

São esses aspectos que formam este universo e compõe a estrutura do conto, criando a dialética da ordem e da desordem, a qual sustenta a sobrevivência dos seres que o povoam.

Pois são marginalizados em todos os sentidos, não existe um espaço que os abrigue, sua opção é a vida livre, à margem de tudo. Nessa busca de espaço para se manterem a inversão de valores acontece espontaneamente, sem que os envolvidos se dêem conta da situação. Vemos no personagem Lima: "... tira aposentado, vivia nas rodas do joguinho (...). Às vezes, do quarto da Água Branca onde morava só, saía mesmo de pijama ali pelas duas da tarde e se enfiava no muquinfo". (ANTÔNIO, 1998: p. 28.)

Assim, temos a presença desse passeio estrutural, da inversão de valores na obra, pois nesse momento o personagem, símbolo da ordem se equipara a qualquer um dos malandros que sempre perseguiu.

Essas são as normas básicas em que permeia a ordem e a desordem. É nessa confusão onde o certo e o errado se misturam, que percebemos uma ordem apesar de tudo.

É uma universalidade que está tacitamente admitida nessas relações sociais de ficção. Para os personagens do conto, o importante é que cada um defenda seu espaço.

São companheiros quando podem, numa situação adversa, cada um defende seu lado, porque vivem em uma selva e para manterem seu espaço enganam, trapaceiam, roubam e se prostituem.

Vivem num meio de vida e também de morte, porque está o tempo todo sob pressão, e esta os esmaga e dilacera, tornando seu ambiente um inferno vivo e permanente, onde só os melhores (ou piores) sobrevivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a trajetória de análise do personagem na obra de João Antônio, deparamos com situações inusitadas que nos mostra o retrato de uma sociedade ficcional marginalizada que se confunde com a realidade social vigente.

Iniciamos este trabalho com um estudo do personagem em geral, que mostra os recursos usados pelo escritor na construção do ser fictício. Através da linguagem o personagem manifesta-se a nós e dá nos a sensação de realizar sonhos impossíveis, como já dissemos anteriormente. Falamos também da performance na ação desse personagem dentro da obra analisada, pois é ela quem valoriza a obra e através dos conflitos existentes transforma os personagens em algo representativo. A ação representa a articulação que move o enredo da obra.

A necessidade de maior conhecimento do tipo de comportamento deste personagem nos fizeram buscar informações sobre sua origem e as formas que estruturam o universo da malandragem e as características deste tipo de comportamento que o personagem apresenta.

O personagem malandro no conto nos mostra uma sociedade ficcional que busca um espaço para sua sobrevivência. Esta se dá por meio de ações ilícitas, as quais são a única forma que conhecem em seu universo de submundo, onde são vítimas de uma realidade sofrida e muitas vezes sórdida. Produto do meio em que vivem, formam e são formados.

Para tanto, fizemos um estudo sobre os autores já citados anteriormente com a obra “Malagueta, Perus e Bacanaço”, que contribuíram teoricamente nos conceitos defendidos nesta pesquisa sobre o personagem, a malandragem e o quadro social que se manifesta na ficção.

Porém gostaríamos de ressaltar, ainda, que vários enfoques poderiam ser mais profundamente estudados considerando a riqueza literária da obra.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Manoel Antonio de. **Memórias de um sargento de Milícias**. Ed. crítica Cecília de Lara – Rio de Janeiro: Livros e Científicos, 1978.

ANTÔNIO, João. **Malagueta, Perus e Bacanaço**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?**. Ensaios. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.